



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: OS
DESAFIOS E DIFICULDADES DA PROFISSÃO**

CHRISTIANA LAMOGLIA SOBRAL PEDROZA

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: OS
DESAFIOS E DIFICULDADES DA PROFISSÃO**

Projeto prático submetido à Banca de
Graduação como requisito para obtenção do
diploma de
Comunicação Social/Jornalismo.

CHRISTIANA LAMOGLIA SOBRAL PEDROZA

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Projeto Prático **Mulheres no Jornalismo Esportivo: os desafios e dificuldades da profissão**, elaborado por Christiana Lamoglia Sobral Pedroza.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação - IBICT/ECO-UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Fragozo
Doutor em Comunicação e Cultura - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral.

Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão. Rio de Janeiro, 2017.

Projeto Prático (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo)
– Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de
Comunicação – ECO.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. **Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão.** Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Projeto prático em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho buscou mostrar, através do depoimento das jornalistas esportivas mulheres de uma emissora em específico utilizada como objeto de estudo, todas as dificuldades e desafios que essas profissionais encontram em um ambiente predominantemente masculino como o esporte. Procura-se mostrar as jornalistas pioneiras na área, de uma época em que o machismo era mais vigente dentro da sociedade, mas também há o paralelo com os dias de hoje e as situações de preconceito e assédio enfrentada por 100% das entrevistadas deste projeto. É demonstrado que tanto o preconceito quanto o assédio sofrido pelas jornalistas esportivas mulheres é um reflexo da sociedade que vivemos, de acordo com pesquisas feitas sobre a violência contra a mulher. Para finalizar, é mostrado o sonho de cada uma dessas profissionais sobre o futuro das mulheres no Jornalismo Esportivo.

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus e aos meus pais, Ana Christina e Ricardo, pelo amor incondicional, apoio e paciência. Sem eles, nada disso seria possível.

Agradecimentos

Primeiramente e antes de tudo, meus agradecimentos vão para Deus, que sempre se mostrou presente na minha vida, mas neste projeto foi um dos meus principais guias. Sua Presença me deu força, me iluminou e me deu a certeza de que eu conseguiria alcançar meu objetivo apesar de todos os percalços no meio do caminho. Por Seu amor e luz, eu serei eternamente agradecida.

Aos meus pais, Ana Christina e Ricardo, aos meus avós, Marlene, Humberto, Myriam e o eterno Seu Lysis, e à minha tia e madrinha Ana Lucia e à minha família, todo o meu amor e gratidão. Cada um deles é tudo o que eu sou. Desde a minha infância até este momento, nunca me faltou amor, companheirismo, conselhos, broncas e risadas. Com minha mãe, aprendi que a persistência e o trabalho sempre serão recompensados. 'Faça a tua parte e eu te ajudarei' foi uma das lições mais valiosas passada por ela e que eu carregarei comigo para a vida. Com meu pai, nada é maior que o amor, o carinho e a conversa fácil, a parceria de sempre. Nossa amizade de pai e filha me deu força e a certeza de que, não importa o que eu faça e onde esteja, ele sempre me apoiará, me guiará e sempre estará certo do meu sucesso, ainda que eu mesma não esteja. Com meus avós, Humberto e Marlene, aprendi o verdadeiro significado de 'porto seguro'. São minha base, meu lugar bom, minha plateia que está disposta a aplaudir tudo que eu faço e abraçar tudo que eu me proponho a fazer. Com meus avós, Myriam e Lysis (in memoriam), só tenho a agradecer pela minha infância feliz e cheia de criatividade e simplicidade. Quem diria que os 'programas de rádio' com tom jornalístico se tornariam algo mais sério, né, vô? Ao você, todo o meu amor, onde quer que esteja, e a certeza de que essa veia jornalística foi uma herança sua. Com minha tia e madrinha, Ana Lucia, agradeço pela amizade desde a infância, por ser minha primeira melhor amiga e apoio constante, salva-vidas quando necessário e dona de um amor do tamanho do mundo.

Ao meu namorado, parceiro, melhor amigo, incentivador, ombro nos momentos difíceis e parte essencial deste projeto, Rennan Rodrigues. Suas palavras e apoio me fizeram encarar este desafio de concluir a faculdade de forma muito mais serena do que eu esperava. Agradeço por todo o amor que me dedica e que é recíproco. Sem você, este projeto não seria um terço do que se tornou! Amo você!

Meus agradecimentos vão também para meus amigos-irmãos, que fazem dessa caminhada difícil que é a vida algo muito prazeroso. É uma alegria poder dividir a minha história com eles. À Isabel, amiga de infância, meu colo familiar fora de casa, que me conhece desde sempre e pra sempre, alguém que nunca deixou de confiar que eu alcançaria meus objetivos, quaisquer que estes fossem. À Sandra Saito, minha líder de torcida particular, uma parceria e amizade que se provou forte acima de tudo e uma das minhas maiores incentivadoras na vida. À Júlia Sette, irmã que a ECO me deu, que a princípio deveria ser minha pupila profissional, mas que me ensinou muito mais do que eu jamais esperava. Foi minha principal parceira nesta monografia, alguém que me ajudou a entender que eu podia muito mais do que eu acho que posso. Nós conseguimos! A Matheus Machado, Yann Spinelli, Thadeu Felix, Thiago Areias e Carolina Segadas, minha família desde o Martins e que eu levo sempre comigo, não importa onde eu esteja ou que caminho eu siga e que ouviram, desde o início, que o meu sonho era ser jornalista formada pela UFRJ. Eu consegui e vocês sempre acreditaram! À Jamille Bullé, amiga e apoiadora incansável, meu outro presente da ECO, que divide comigo o sonho expressado neste projeto e divide também a profissão de jornalista esportiva. Sem você e sem a nossa luta por igualdade, juntas, este projeto jamais seria pensado! À Carla Kurtenbach, minha ‘gêmea’, por sempre acreditar em mim e me dar broncas toda vez que eu vacilei em não confiar no meu potencial. Seu amor foi fundamental sempre! A todos vocês: como é bom encontrar meu coração em outras almas e ter em vocês uma família!

À minha orientadora Marialva Barbosa, pela paciência com esta orientanda enrolada e pelo bom humor que sempre me recebeu nos momentos de necessidade. Você é uma verdadeira mestra!

A Diego Vieira, chefe e apoiador deste projeto, que permitiu que eu utilizasse as instalações do Esporte Interativo para realizar meu documentário da melhor forma possível e sempre tem uma porta aberta para mim. Obrigada por tudo, você faz a diferença na minha caminhada!

Não menos importante, agradeço aos amigos pelo apoio de sempre: tia Márcia, Bonna, Vinícius, Luísa, Mari Fontes, Valentinna, Lucas, Nathália e muitos outros que não conseguirei citar aqui. Vocês são parte muito importante da minha vida! E às minhas entrevistadas, que dividiram suas histórias comigo: obrigada por fazer este projeto acontecer!

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	13
2.1 Nascimento e crescimento do Jornalismo Esportivo no Brasil	13
2.2 As primeiras mulheres do Jornalismo Esportivo no Brasil	14
2.3 O preconceito contra as mulheres no Jornalismo Esportivo	17
2.4 O assédio contra as mulheres dentro do Jornalismo Esportivo	24
2.5 Estudo de caso: as mulheres jornalistas esportivas do canal Esporte Interativo	27
3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	32
3.1 Gravação	32
3.2 Entrevistas.....	34
3.3 Edição	34
4 CONCLUSÃO	41
5 BIBLIOGRAFIA	43

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher em sua natureza já é difícil. Sofremos com as modificações do corpo desde pouca idade. Sofremos com mais modificações do corpo e com as dores do parto quando nos tornamos mães. Somos consideradas ‘fracas’ quando se trata de força corporal. Para juntar-se a isso, as mulheres também são subjugadas pela sociedade em geral como ‘inferiores’. Lutamos para conseguir os direitos que hoje temos, como à alfabetização, ao estudo, ao voto e ao trabalho. Apesar de tudo que foi conquistado, alguns espaços ainda precisam ser mais igualitários quando se trata da presença da mulher, e este é o caso do esporte e, mais especificamente, da profissão de jornalista esportiva.

O ambiente em si não é muito convidativo. Dominadas por homens que se vangloriam de respirar futebol ou qualquer outro esporte desde que chegaram ao mundo, as redações esportivas parecem um território a ser conquistado. Há a necessidade de se provar sempre seu conhecimento sobre tal assunto, além do desafio de demonstrar sua competência como já seria em qualquer emprego. Esta experiência foi vivida por mim ao escolher o Jornalismo Esportivo como carreira e isto moveu meu interesse de compreender se o preconceito em relação à presença de mulheres no esporte ainda era tão vigente quanto na minha percepção pessoal.

Meu envolvimento com o movimento feminista também foi essencial para que eu tomasse a decisão de desenvolver este projeto. O objetivo deste documentário é alertar o espectador de tudo que há por trás da entrada da jornalista mulher nas redações de esporte, não só em termos de preconceito, de machismo, de aceitação, mas também em termos de assédio. O subtítulo deste trabalho, ‘desafios e dificuldades da profissão’ faz alusão justamente a esses termos citados. O problema vai muito além da simples entrada no mercado de trabalho, uma dificuldade para muitas mulheres de diversas profissões.

Para levar este projeto em frente, escolhi o formato de documentário por acreditar que, desta forma, a mensagem seria passada de forma mais clara, vinda diretamente da boca de todas essas profissionais que lidam diariamente com os problemas citados, seja dentro da empresa em que trabalham ou seja no exercício da profissão em externas ou reportagens. Documentários também tem uma linguagem mais livre e menos engessada do que uma reportagem, e que eu acredito que atinge o objetivo de causar reflexão e de deixar que os próprios personagens contem essa

história, o que era essencial para este projeto. Era necessário mostrar que estamos dando voz a essas mulheres jornalistas esportivas em vez de só contar o que passaram pra chegar onde estão. Minha admiração por documentários e filmes biográficos também ajudou na escolha final do formato deste projeto.

A ideia inicial deste projeto era tratar do preconceito e assédio com jornalistas esportivas mulheres de todas as emissoras, especialmente as consideradas pioneiras ou referências na área. Porém, o tempo hábil para a produção deste trabalho de conclusão de curso não permitia que o escopo fosse tão largo. Portanto, optei por utilizar o Esporte Interativo, emissora especializada em esportes e meu local de trabalho, e suas jornalistas esportivas para comprovar o meu pensamento e cumprir meu objetivo dar um alerta aos espectadores através da voz dessas mulheres.

Neste trabalho, estão presentes os depoimentos de Clara Albuquerque, comentarista e correspondente na Itália, Mariana Fontes, apresentadora, Marina Basbaum, coordenadora de correspondentes, Monique Danello, repórter e apresentadora, Julia Vieira, diretora de produção executiva e Taynah Espinoza, apresentadora e repórter. Todas são funcionárias do Esporte Interativo e eu já as conhecia anteriormente.

No depoimento de cada uma delas será possível perceber que a paixão pelo futebol e pelo esporte, assim como ocorre com os homens, vem desde cedo, do ambiente e da alegria familiar nas quartas-feiras e nos domingos, dias de jogos de futebol. Desde cedo, ninguém em suas famílias as barrou ou as disse que aquilo ‘era coisa de menino’, algo tão comum ouvido por mulheres que adoram esportes. O apoio veio de dentro de casa e todas confirmam que este apoio foi essencial para que sua paixão pelo esporte seguisse viva até se tornar uma carreira profissional.

Todas as entrevistadas fazem parte dos 10% de jornalistas mulheres presentes em redações de esportes segundo estimativa do jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho (2003, p.34), algo comprovado em minha pesquisa pessoal da redação do próprio Esporte Interativo. Um número muito longe da igualdade sonhada por mim e por todas as jornalistas presentes neste projeto.

É por conta dessa busca por igualdade que este projeto veio à vida. A importância deste documentário está justamente em fazer o público entender que o preconceito é real e existe no nosso dia-a-dia, seja na brincadeira sem graça do colega de trabalho, seja no esforço extra que é preciso para se provar entendedora de esporte

só por ser mulher, seja no machismo velado presente em quase todos os homens que conhecemos. Está também em apontar o assédio existente enquanto exercemos nossa função e que pode ser praticado por colegas de trabalho ou por assessores e atletas. Também há a importância de esse projeto, desenvolvido e colocado em prática por uma mulher, de forma independente e de baixo orçamento, contando apenas com a ajuda de amigos e chefes, servir de exemplo pra outras mulheres estudantes que queiram utilizar sua própria voz e de outras mulheres para jogar luz a qualquer questão que as incomode.

Também conto aqui todo o processo de produção, os problemas que tive com o acerto de horários, a dificuldade em conciliar o projeto com meu próprio trabalho, mudanças de planos e pontos positivos e negativos do projeto.

Dessa forma, esta parte teórica fica dividida em três capítulos juntamente da exibição do documentário. No **capítulo 2**, conto um pouco como foi o surgimento da função de jornalista esportivo no Brasil para abrir caminho para a história das pioneiras da profissão: as primeiras mulheres que ousaram bater de frente com o preconceito e se lançaram no mundo do Jornalismo Esportivo. Também conto a história de cada uma das entrevistadas deste projeto e qual a função de cada uma dentro da emissora.

No **capítulo 3**, conto de um ponto de vista pessoal todo o caminho de produção, desde o local de gravação, detalhes técnicos e o script do documentário em si. Explico as dificuldades e facilidades encontradas na execução do projeto, minhas impressões em me aventurar em algo novo para mim, como as câmeras e todo o processo das entrevistas feitas.

O **capítulo 4** contém a conclusão deste projeto, onde explico o impacto de produzir um projeto sobre um assunto tão próximo a mim e descobrir dados assustadores sobre as mulheres dentro da sociedade brasileira. Falo também sobre a vontade de fazer a diferença com este projeto, nem que seja apenas um pouco.

Se eu conseguir mudar a mentalidade de pelo menos uma pessoa com meu trabalho, sentirei que minha missão com este documentário foi cumprida.

2 AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Neste capítulo pretendo abordar o trabalho das primeiras mulheres no jornalismo esportivo no Brasil, mais especificamente no futebol, passando brevemente pelo surgimento da profissão no país. Enfatizamos o aumento do número destas mulheres nesta década, além de reforçar as dificuldades que enfrentam para entrar no mercado de trabalho e o assédio que muitas vezes as vitimam. Também destacarei as jornalistas que fazem parte do estudo de caso feito para este documentário, que tem como base as funcionárias do canal de TV paga/parabólica Esporte Interativo.

2.1 Nascimento e crescimento do Jornalismo Esportivo no Brasil

O início das mulheres no jornalismo esportivo, quando se compara aos homens, foi bastante tardio. A prática do jornalismo esportivo brasileiro em si surgiu junto da popularização do futebol no país, no início do século XX, e era considerada a ‘parte menos nobre’ do jornalismo, que atraía jornalistas menos ambiciosos ou até mesmo com menos habilidade (STYCER, 2007, p.4¹).

Além disso, o salário pago a estes jornalistas também era menor que o de um jornalista político, por exemplo, mais prestigiado à época. A situação é bem definida por Ruy Castro (apud Stycer, 2007, p.5), que resume o que jornalistas esportivos passavam em 1927 assim: “Não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome”.

Na década de 1930, no Rio de Janeiro, surge o primeiro diário totalmente dedicado aos esportes: o *Jornal dos Sports*, com suas conhecidas páginas cor-de-rosa. Vale atentar que a *Gazeta Esportiva* surgiu como diário somente em 1947, apesar de seu aparecimento como suplemento do jornal *A Gazeta* em 1927. (COELHO, 2003, p.9).

Apesar disso, é somente a partir da década de 40 e ao longo dos anos de 1950 e 60 que o jornalismo esportivo sofre uma mudança positiva neste panorama. É nesta época que os já citados *Jornal dos Sports* e a *Gazeta Esportiva* ganham status de

¹ Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, que ocorreu dos dias 29 de agosto a 02 de setembro de 2007. Acessado em 15/05/2017, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>

² Entrevista de Regiani Ritter concedida ao portal *UOL Esporte* e utilizada na matéria de Marcelo Rozemberg para o blog ‘Terceiro Tempo’, na coluna ‘Que fim levou?’, encontrado em:

referência quando se trata de jornalismo esportivo com um modelo já consagrado nos Estados Unidos, que consiste em dois pontos cruciais: a liberdade de imprensa e a objetividade.

Como consequência, este é o ponto na história em que se observa uma mudança na forma de se fazer a cobertura esportiva. Os jornais de prestígio se tornam mais sóbrios, as crônicas e matérias esportivas ganham mais espaço e até conquistam cadernos exclusivamente dedicados a esportes, principalmente a partir dos anos 60. (Stycer, 2007, p.6). É nesse cenário de crescimento e conquista de espaço que surgem as primeiras mulheres a se aventurar como profissionais do jornalismo esportivo.

2.2 As primeiras mulheres do Jornalismo Esportivo no Brasil

As primeiras jornalistas esportivas mulheres começaram a aparecer no início da década de 1970. Antes disso, de acordo com Coelho (2003, p. 34), era praticamente impossível ver mulheres no esporte, mesmo que hoje ainda não tenhamos um equilíbrio entre a presença de homens e mulheres na redação de uma editoria de esportes. Para Coelho, há uma justificativa que diz respeito ao interesse da própria população.

É possível que o índice feminino reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. [...] Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher entender de esportes. (COELHO, 2007, pp. 34-35)

A primeira jornalista esportiva mulher no Brasil que se tem notícia é Maria Helena Rangel, formada pela faculdade Cásper Líbero na década de 1940 e convidada a participar da *Gazeta Esportiva* em 1947, ainda na faculdade. Além de jornalista, Maria Helena era atleta de arremesso de disco, onde ganhou competição por oito anos seguidos e já havia se formado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) anteriormente (RAMOS apud DANTAS, 2016, p.37). Rangel cobriu campeonatos de vôlei e basquete como jornalista, e seu registro na profissão, que exerceu por volta de seis anos, data de 01/01/1948.

Outra jornalista igualmente pioneira e da mesma época de Maria Helena foi a carioca Mary Zilda Grassia Sereno, uma das primeiras fotojornalistas de São Paulo.

Seu primeiro trabalho como fotógrafa para um jornal já foi ligado ao esporte: ela tentou vender uma fotografia para o jornal *O Globo* após o título da Itália na Copa do Mundo de 1934, onde captou a imagem de uma freira italiana na cidade do Rio de Janeiro comemorando o feito da seleção de seu país natal. A foto foi utilizada pela publicação, mas Mary Zilda não foi contratada por ser mulher (RAMOS apud DANTAS, 2016, p. 37).

Mary Zilda Sereno fotografava para qualquer assunto ou editoria, mas a sua paixão sempre foi o esporte. Nos vestiários dos jogadores de futebol, ela já era conhecida. De acordo com Ramos (apud DANTAS, 2016, p. 37-38), alguém sempre avisava aos jogadores que estavam se trocando que a fotógrafa estava entrando no vestiário, uma atitude que era vista como corajosa, valente e que, para a própria, era bastante natural.

Mais à frente, o jornalismo esportivo feminino teve outra pioneira: Regiani Ritter, uma das primeiras repórteres de campo mulher da história do jornalismo esportivo². A própria jornalista não gosta de se intitular a primeira, como disse em entrevista ao *Jornal da Gazeta*, na *TV Gazeta* de São Paulo³: “Eu sempre digo: eu não sou a primeira. Outras trabalharam antes de mim. Por que acham que eu sou a primeira? Porque as que trabalharam antes de mim, elas ficaram seis meses, um ano e paravam. E eu fiquei”. Regiani iniciou sua carreira como atriz no começo dos anos 60, participando de diversas peças, propagandas e até mesmo programas de humor. Seu primeiro contato com o esporte na profissão foi quando, três anos após contratada pela *Rádio Gazeta*, no início dos anos 1980, cobria a folga dos setoristas de futebol, mas sempre desejando participar das transmissões dos jogos.

Em entrevista ao *UOL Esporte* em 2013, Regiani falou sobre as dificuldades que uma mulher enfrentava ao se aventurar no mundo do jornalismo esportivo nas décadas de 1980 e 90.

Naquele tempo não existiam mulheres que cobriam futebol. Por isso não foi fácil para alguns homens assimilarem essa situação. Imagina então na hora de entrevistar os jogadores no vestiário. Como não havia sala de imprensa, os atletas atendiam os jornalistas enquanto tomavam banho e se vestiam. Eu tinha por norma falar com eles quando eles

² Entrevista de Regiani Ritter concedida ao portal *UOL Esporte* e utilizada na matéria de Marcelo Rozemberg para o blog ‘Terceiro Tempo’, na coluna ‘Que fim levou?’, encontrado em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480> (Acesso em 16/05/2017)

³ Entrevista de Regiani Ritter concedida ao *Jornal da Gazeta* em 2014, encontrada em: https://www.youtube.com/watch?v=u2kqbFz_qNw (Acesso em 16/05/2017)

estivessem parcialmente vestidos. No entanto, certa vez o técnico Cilinho, após um jogo entre São Paulo e Coritiba, pediu que eu entrasse no vestiário junto com ele. Foi uma correria só. Apenas o Casagrande me atendeu pelado, sem colocar sequer uma toalha. (RITTER, 2013)

Regiani é citada por Paulo Vinícius Coelho como uma das grandes profissionais mulheres do jornalismo esportivo, com três coberturas de Copa do Mundo no currículo: “(Ela) era bem informada e entendia do assunto. Tanto que suas claras demonstrações de conhecimento causam até hoje lembranças carinhosas em homens apaixonados por futebol” (COELHO, 2003, p.36).

Renata Falzoni é mais uma pioneira na área do jornalismo esportivo. Formada inicialmente em arquitetura, Falzoni entrou para o fotojornalismo a partir de 1979. Em 1984, foi convidada por José Trajano para integrar a equipe de jornalismo esportivo da *Folha de S. Paulo* como fotógrafa de basquete e vôlei femininos e assim iniciou sua experiência no esporte (VASCONCELOS e RUBBO, 2009, p.4)⁴. Foi uma das primeiras fotojornalistas mulheres em editoria de esportes, seguindo os caminhos abertos por Mary Zilda Sereno e, mais tarde, também pioneira na vídeo-reportagem, onde especializou-se em cobrir eventos de esportes radicais e de aventura.

Em entrevista a Vasconcelos e Rubbo (2009, p.5), Renata admite sua ousadia para a época, afirma ter precisado de ‘ares de homem’ para enfrentar as situações mais complicadas da profissão, tanto no esporte quando em outras editorias nas quais trabalhou e confirma que sua contratação só foi possível por conta das modalidades femininas dos esportes que cobriria: “Eu mesma sofri preconceito por ser mulher na fotografia da *Folha de S. Paulo* e só entrei justamente porque eu era mulher e eles precisavam de uma mulher para entrar no vestiário das atletas”.

Falzoni entrou para a ESPN em 1995 como vídeo-repórter e consultora, onde iniciou seu programa ‘Aventuras com Renata Falzoni’, onde apresentava, filmava e produzia suas reportagens muitas vezes apenas em sua bicicleta, meio de transporte da qual é uma das maiores defensoras. Seu pioneirismo chegou também à era digital, quando seu programa foi a primeira atração nacional transmitida em alta definição na ESPN.

⁴ Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba-PR, que ocorreu durante os dias 04 e 07 de setembro de 2009. Acessado em 19/06/2017, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3094-1.pdf>

Essas foram as principais profissionais que abriram caminho para que, cada vez mais, nós tenhamos a oportunidade de ver mais jornalistas como Isabela Scalabrini, Mylena Ciribelli, Glenda Koslowski, Fernanda Gentil, Clara Albuquerque e muitas outras que despontam a cada dia.

2.3 O preconceito contra as mulheres no Jornalismo Esportivo

Dos anos de 1970 até o momento, as mulheres invadiram as editorias de esporte, seja na TV, nos jornais ou nos portais dedicados ao assunto. De acordo com Coelho (2003, p.35), estima-se que 10% das redações esportivas do país sejam compostas por mulheres, e isso há 14 anos. Apesar de não haver uma pesquisa definitiva mais atual, a percepção é de que este número não sofreu mudanças significativas.

Tomando como objeto de estudo as redações de futebol brasileiro e internacional do canal de televisão *Esporte Interativo*, apenas três mulheres estão presentes entre 32 homens, o que equivale a pouco menos dos 10% estimados por Coelho. Em análise própria, a grande maioria das mulheres jornalistas do canal encontra-se na editoria de Conteúdos Especiais (que cuida de esportes olímpicos, *games*, lutas e futebol americano), onde há cinco mulheres em uma equipe de 10 pessoas, na equipe de reportagem onde, com a exceção do chefe de reportagem e de um produtor, todas as profissionais trabalhando com futebol brasileiro são mulheres, dos correspondentes internacionais, 50% dos repórteres são mulheres e no *casting*, onde há mulheres apresentadoras (porém raramente convidadas para serem comentaristas em um programa de debate futebolístico).

Esta análise vai de encontro ao relato de Stycer (apud DANTAS, 2016, p.46), que conta um pouco do processo de admissão de novos jornalistas no *Lance!* em 1997 quando, na série final de testes (que continha perguntas sobre esportes em geral, mas principalmente futebol), 40 jovens profissionais foram aprovados e, desse número, apenas quatro eram mulheres. Dentre os jornalistas mais experientes contratados, Gisela Pereira era a única mulher a figurar na lista.

Portanto, Stycer afirma, essas cinco formavam os 8% de jornalistas esportivas mulheres na redação do *Lance!*, apesar de não serem as únicas mulheres na empresa, como conta o próprio autor: “Havia mulheres em outras funções, todas subalternas. Entre os 16 programadores e infografistas, constavam duas mulheres na equipe

inicial. Entre os nove fotógrafos contratados, nenhuma mulher. No site do jornal na internet, uma mulher entre cinco homens” (apud DANTAS, 2016, p.46).

Outro ponto analisado dentro da redação do Esporte Interativo é corroborado por Coelho (2003): o direcionamento de jornalistas mulheres para editorias de esportes olímpicos ao serem contratadas para escrever/falar sobre esporte.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes olímpicos. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento. (COELHO, 2003, p.35)

O cenário não é animador. Antes de falar especificamente das mulheres jornalistas, é importante apresentar a situação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o desemprego feminino bateu a marca recorde de 15,9% no primeiro trimestre de 2017 em relação à população em busca de trabalho⁵. Comparativamente, em 2012 o índice de desemprego masculino era de 6,2% e o das mulheres era de 10,3%. Estes números mostram que ainda há preconceito em relação à contratação de mulheres e que, com a crise, este número chegou ao recorde apresentado. Ainda segundo análise do IBGE, as trabalhadoras mulheres recebem 72% do salário dos trabalhadores homens.

Das jornalistas pesquisadas para este projeto, todas têm histórias de preconceito e assédio, tanto moral quanto sexual, em algum momento de sua jornada profissional dentro do esporte. Esta percepção é corroborada através de uma pesquisa realizada pelo Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal em 2016 com 535 jornalistas mulheres de 21 Estados brasileiros⁶ (*Anexo I*). Nesta pesquisa, 61,5% das jornalistas relataram receber um salário menor que o de um companheiro homem, mesmo desempenhando a mesma função, 70,7% já deixaram de serem designadas para uma pauta por ser mulher e 78,5% das entrevistadas relataram terem sofrido com o machismo durante uma entrevista. É importante lembrar que essa pesquisa é feita

⁵ Pesquisa encontrada em matéria do Estado de Minas, presente em: http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/05/29/internas_economia,872457/crise-acentua-preconceito-contras-mulheres-no-trabalho.shtml (Acesso em 21/06/2017)

⁶ Pesquisa encontrada em: http://www.sjpdf.org.br/images/Pesquisa_Desigualdade_de_Gênero_no_Jornalismo_-_Resultados.pdf (Acesso em 21/06/2017)

com jornalistas de todas as áreas e que, pelo jornalismo esportivo ser uma área predominantemente masculina, a expectativa é de aumento desses números quando se trata apenas desta editoria.

Regiani Ritter, em entrevista ao *UOL Esporte*⁷, contou um episódio com o apresentador Milton Neves durante a Copa do Mundo de 1986, quando foi subjugada pelo jornalista: “Eu disse: (Telê Santana) vai convocar errado, vai insistir em algumas figuras de 1982 que não têm mais condição de jogar.(...) A nossa participação vai ser horrível”. Com sua previsão confirmada, a jornalista voltou ao programa sem o clássico ‘eu não disse?’, mas sim apontando os erros dos jogadores, em especial o conhecido lance em que a bola bateu na trave, na nuca do goleiro Carlos e entrou. Milton Neves, que comandava o programa, disparou após os comentários de Regiani: “Regiani Ritter, você não entende nada de futebol. Isso é coisa de se falar?”. A jornalista admite sua irritação e revela o pedido de desculpas de Milton.

Cala a boca, minha vontade era falar “cala a boca”. Ele falou vários minutos e eu não abri a boquinha, quando abri a boca para falar, ele começou a gritar comigo e a me xingar. (...) O Milton Neves é muito inteligente. Perguntei para ele daquele *Mesa Redonda* e ele me respondeu: ‘Levei nove longos anos para me arrepender’. (RITTER, 2013)

Infelizmente este não foi o único caso de preconceito enfrentado por Regiani. Na mesma entrevista ao *UOL Esporte*, a jornalista relembrou um problema que enfrentou ao tentar entrar em um vestiário para entrevistar os jogadores, ação comum nos anos 80, quando ainda não havia a hoje famosa ‘zona mista’ para que os repórteres de campo entrevistem os atletas.

Um conselheiro do São Paulo tentou expulsar Regiani do vestiário do clube alegando que “mulheres não eram permitidas ali”⁸, o que causou uma ironia por parte da então repórter: “Ah, obrigada. Um dia vou querer saber o seu nome para agradecer porque eu não estou com muita vontade de trabalhar hoje” (RITTER, 2013). A irritação de Regiani chegou aos ouvidos do presidente tricolor à época, Carlos Miguel Aidar, que tratou a questão pessoalmente e a jornalista voltou a trabalhar

⁷ Entrevista de Regiani Ritter concedida ao portal *UOL Esporte* e utilizada na matéria de Marcelo Rozemberg para o blog ‘Terceiro Tempo’, na coluna ‘Que fim levou?’, encontrado em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480> (Acesso em 16/05/2017)

⁸ Entrevista de Regiani Ritter concedida ao portal *UOL Esporte* e utilizada na matéria de Marcelo Rozemberg para o blog ‘Terceiro Tempo’, na coluna ‘Que fim levou?’, encontrado em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480> (Acesso em 16/05/2017)

normalmente. Porém, antes mesmo de sua primeira entrevista, o conselheiro que a havia expulsado retornou com um presente de desculpas.

Ele voltou com uma caixinha com três garrafas de vinho de São Roque, sabe aquelas de dois reais cada uma na época? E falou: ‘Eu queria muito que você aceitasse essa lembrancinha como prova do meu arrependimento pela grosseria que eu fiz’. Eu olhei pra mão dele e falei: Esse deve ser o preço das mulheres da sua família, porque as mulheres da minha família não têm preço. (RITTER, 2013)

Renata Falzoni, nesses mais de 30 anos de profissão, acredita que o preconceito diminuiu, mas pondera: “A profissão de jornalista é um tanto machista. De um modo geral, das mulheres exige-se mais beleza do que preparo profissional”.

Dentro do nosso objeto de estudo, as jornalistas mulheres do Esporte Interativo, a incidência de preconceito é de 100%. Todas as entrevistadas relataram terem sido atingidas por alguma forma de preconceito em suas carreiras simplesmente por serem mulheres dentro de uma área de esportes, seja no próprio ambiente de trabalho com as famosas ‘brincadeiras’ ou até mesmo nas redes sociais, através de comentários ofensivos em suas postagens.

Marina Basbaum, chefe da equipe de correspondentes internacionais do Esporte Interativo, considera que, hoje em dia, o machismo no ambiente de trabalho acontece de forma mais velada, em forma de ‘brincadeira’, mas que há a sensação de vergonha de expressar comentários mais sexistas e ofensivos neste momento em que o feminismo é tão debatido.

Acho que o principal machismo que a gente vê hoje – pelo feminismo ser um assunto que está muito em voga – acho que algumas pessoas tem vergonha de mostrar que são machistas, então a forma que elas têm de demonstrar o machismo delas é na brincadeira, e o principal argumento é ‘poxa, mas era só uma brincadeira’. Não é só uma brincadeira. Quando a pessoa faz uma brincadeira machista, ela não entende que ela tá te ofendendo tanto quanto se ela olhar pra você e disser que você não presta porque você é mulher justamente por se fazer piada com isso. Não era pra ser motivo de piada a gente ser mulher e trabalhar com esporte. Não era pra ser motivo de piada. (...) Era pra gente exaltar o futebol feminino, exaltar a presença da mulher no nosso meio e inclusive valorizar isso. (BASBAUM, 2017)⁹

⁹ Entrevista concedida em vídeo à autora em 29/03/2017.

A jornalista e nutricionista Mariana Fontes, ex-repórter da TV Fla (programa oficial do Clube de Regatas do Flamengo) e atualmente apresentadora do programa ‘Melhor Futebol do Mundo’ no Esporte Interativo, especializado em futebol internacional, relata o mesmo tipo de experiência com o machismo no ambiente de trabalho, além de reforçar a diferença de tratamento sobre opiniões esportivas vindas de homens com as vindas de mulheres.

Diariamente a gente passa esse tipo de preconceito. A opinião da mulher sempre vai permitir piada. A opinião da mulher sempre pode virar piada. A opinião do homem não. Por mais ridícula que seja, um homem sempre vai respeitar a opinião do outro homem e não faz chacota com o que ele diz, como se o que ele dissesse fosse não verdade absoluta, mas tivesse mais peso porque veio de um homem. Se o erro veio de uma mulher, ela é burra. Se o erro veio de um homem, é porque ele se distraiu. A mulher sempre vai dar brecha pra esse tipo de ‘ah, ela só tá ali porque é bonita’ ou ‘tá vendo, só fala besteira’, e na verdade ela só falou a mesma coisa que outro homem, mas ele não tem essa margem pra piada. As pessoas tendem a respeitar mais uma opinião masculina. (FONTES, 2017)¹⁰

Da mesma forma que Mariana, Renata Falzoni relata um tipo de preocupação parecido em entrevista a Vasconcelos e Rubbo (2009, p.5) e critica as profissionais mulheres que se sujeitam a simplesmente utilizar sua imagem em programas esportivos ‘fazendo o que se espera delas’ sem se aprofundar no assunto.

Existe de tudo. Desde jornalistas capacitadas e belas como a Sônia Francine, por exemplo, que de fato conhece de esporte e não fala besteira, até personagens que eu prefiro nem mencionar, que de esporte nada entendem e apenas atuam defronte às câmeras de acordo com o que delas se espera. Zero de conteúdo. [...] No quesito esporte, os números provam o público masculino quer competência e, se vier em trajes femininos, melhor. (FALZONI, 2009)¹¹

Além do preconceito diário e já usual contra as mulheres no jornalismo esportivo, Mariana Fontes ainda enfrenta um segundo tipo de preconceito direcionado

¹⁰ Entrevista concedida em vídeo à autora em 30/03/2017.

¹¹ Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba-PR, que ocorreu durante os dias 04 e 07 de setembro de 2009. Acessado em 19/06/2017, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3094-1.pdf>

às mulheres e que não é de exclusividade do mundo dos esportes: o preconceito relacionado à maternidade.

A jornalista deu à luz em novembro de 2015 ao seu filho e, após retornar de seus seis meses de licença-maternidade, já reparou algumas diferenças no tratamento que recebia de seus superiores em relação a horários, escala de trabalho e escolha para a apresentação de programas sem ao menos consultá-la quanto à sua verdadeira disponibilidade, algo que não acontece com os homens quando os mesmos se tornam pais.

Nesse ponto eu senti muita diferença, porque quando eu saí de licença-maternidade, naturalmente outras pessoas ganharam mais espaço por méritos, lógico, e quando eu voltei eu enfrentei essa dificuldade de ‘não, a gente prefere continuar porque com ela é mais fácil, não tem filhos’ sem me consultar, quando eu acho que a gente vai ter o segundo filho, o terceiro, o quarto, o quinto e vai ficar ouvindo isso a vida toda? Isso a sociedade ainda precisa trabalhar. É bacana a gente respeitar a figura da mãe, é óbvio que o bom senso deve prevalecer (...) mas quando você planeja, será que não dá pra (profissional que é) mãe dizer se ela é capaz, se ela pode, se atrapalha? Não existe essa leitura hoje. (FONTES, 2017)

De acordo com a já citada pesquisa realizada pelo Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, Mariana Fontes não é a única a sofrer o mesmo tipo de preconceito por ter se tornado mãe. 46% das entrevistadas relataram ter conhecimento de discriminação contra jornalistas gestantes no ambiente de trabalho.

O cenário é desanimador, o preconceito parece sempre encontrar espaço, mas há lampejos de esperança. Clara Albuquerque, jornalista, escritora, comentarista e atualmente correspondente do Esporte Interativo na Itália, conta como, ao sair da faculdade de jornalismo que cursava na Universidade Federal da Bahia (UFBA), ajudou um pouco na mudança de percepção com seu trabalho de conclusão de curso transformado em um livro que explicava de forma objetiva o futebol a mulheres interessadas, mas que não sabiam como aprender por conta da falta de paciência dos homens próximos¹².

Este livro ajudou Clara a conseguir seu primeiro emprego na área de jornalismo como colunista em um jornal da Bahia onde, além de escrever

¹² Entrevista concedida em vídeo à autora em 09/06/2017.

normalmente sobre futebol, produzia uma explicação sobre algo considerado ‘simples’ do assunto da coluna para que iniciantes (normalmente mulheres) pudessem entender um pouco mais do esporte. Este mesmo estilo didático de falar sobre futebol também chamou a atenção da TV Bahia (afiliada local da Rede Globo de Televisão), que a chamou para fazer um quadro nos mesmos moldes da coluna. A jornalista conta um pouco como seu didatismo colaborou com a percepção de alguns meios de comunicação para a importância do público feminino no futebol:

Eu até fui beneficiada por ser mulher, porque o jornal queria uma coluna diferente, a TV queria uma abordagem diferente. (...) A TV Bahia ficou cinco anos sem o Campeonato Baiano, e quando eles voltaram a ter o Campeonato Baiano, eles tinham uma audiência feminina muito grande, porque eles ficaram cinco anos sem o futebol local. Então a audiência feminina cresceu e eles não podiam perder essa audiência na hora que voltasse o campeonato. Então na hora que eu fui chamada pra ser comentarista, foi muito por isso, porque eles queriam manter a audiência feminina e eles sabiam que eu já tinha um diálogo com as mulheres. Não só as que já entendiam, mas também as mulheres que já estavam começando, porque eu sempre tive uma forma muito didática de falar de futebol, justamente porque eu comecei dessa forma. (ALBUQUERQUE, 2017)

Apesar de seu início motivador e extremamente significativo para o mundo do jornalismo esportivo feminino, Clara ressalta que ainda há muito preconceito no meio, e para pessoas que lidam diretamente com o público, esse preconceito se manifesta através de comentários nas redes sociais de cunho machista. A comentarista explica que é diretamente atingida por duas formas de preconceito através de suas páginas oficiais em plataformas digitais: a surpresa e a ofensa gratuita.

Em rede social a gente tem dois tipos (de preconceito) que são muitos claros: primeiro é o cara que se sente surpreso de eu entender tanto de futebol, ‘nossa, como ela entende tanto de futebol?’. Como assim? Você também não entendeu, você não assiste futebol desde que você tem dois anos de idade? Eu também. (...) O segundo preconceito é o cara que sabe que você tem uma vida (no jornalismo esportivo), que você estudou, o que quer que seja, e não aceita que você fale ou entenda de futebol. Esse cara existe e as redes sociais te fazem ver muito isso. Um comentário que eu recebia muito como comentarista – e que você vê bastante diferente em relação ao comentarista homem – é se um comentarista homem diz algo ruim ou faz uma crítica ao time do torcedor, a principal resposta dele é que o comentarista homem torce pro time adversário; se uma comentarista mulher faz um

comentário de crítica ao clube do torcedor e esse cara é preconceituoso, a reação dele é que você não entende de futebol. (...) Se você pegar a minha página, as críticas a mim, são ‘vai lavar roupa, você não entende de futebol, o que que essa mulher tá fazendo aí?’, e coisas desse tipo. É uma reação completamente diferente que mostra o quanto que a sociedade é preconceituosa. (ALBUQUERQUE, 2017)

O preconceito é apenas o primeiro dos desafios que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho e se acentua quando se ingressa em um meio predominantemente masculino como o esporte. A seguir, entenderemos como o preconceito pode partir para um caminho ainda mais sério e criminoso: o assédio, tanto moral quanto o sexual.

2.4 O assédio contra as mulheres dentro do Jornalismo Esportivo

Infelizmente, o preconceito não é o único desafio enfrentado pelas jornalistas esportivas mulheres. O assédio, normalmente com cunho sexual, se tornou uma constante para as profissionais do sexo feminino em ambientes masculinos, como é o caso do esporte. Assessores de imprensa, atletas e até mesmo companheiros jornalistas podem ser a fonte do assédio, e casos deste tipo foram registrados em 100% das entrevistadas para o documentário deste trabalho de conclusão de curso.

Antes de explorarmos um pouco mais os casos de assédio relatados, é importante entender o cenário do assédio para a população feminina brasileira. Em 2016, uma pesquisa divulgada pela Organização Internacional de Combate à Pobreza (ActionAid)¹³ revelou que 86% das mulheres brasileiras já sofreram assédio em público. Nesta porcentagem, 100% das estudantes mulheres relataram terem sofrido assédio. As formas de assédio também foram registradas na pesquisa e assustam. 50% das mulheres entrevistadas afirmaram terem sido seguidas na rua, 44% tiveram seus corpos tocados, 39% foram xingadas em público, 37% relataram homens ‘se exibindo’ para elas e 8% destas mulheres foram estupradas em espaços públicos.

Em uma sociedade com números tão alarmantes no que se refere ao assédio e à violência contra a mulher, não é surpresa que o mesmo se reflita em uma

¹³ Pesquisa encontrada em matéria da Agência Brasil, presente em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-das-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em> (Acessado em 20/06/2017)

amostragem menor, que serve como reflexo do mundo em que vivemos. Este é o caso do jornalismo e, em um espectro ainda mais específico, do jornalismo esportivo.

Todas as entrevistadas deste projeto, inclusive a autora, são capazes de relatar casos de assédio no ambiente de trabalho ou relacionados ao trabalho de jornalista esportiva. Os casos vão desde pequenos gestos inapropriados até situações verdadeiramente incômodas e que, caso não houvesse uma proteção maior por parte das profissionais, não se sabe qual seria o desfecho do ocorrido.

Marina Basbaum explica que, muitas vezes, o fato de simplesmente ser mulher já é suficiente para que assessores de jogadores ou clubes a tratem de forma diferente e que a situação costuma piorar caso a jornalista tenha uma beleza mais evidente. Piadinhas e reverências são uma constante em grupos de trabalho ou conversas profissionais no *Whatsapp* (aplicativo de mensagens instantâneas).

Como eu sou produtora de equipe de reportagem, eu tenho um diálogo direto com a assessoria de vários clubes e jogadores, e eu sinto que, de repente, você vai falar no *Whatsapp* com uma pessoa e uma foto de perfil no *Whatsapp* já faz a pessoa falar de uma forma diferente com você. E já foi explícito. Uma vez a assessoria de um clube me colocou em um grupo de avisos do próprio clube e o cara fez um trocadilho com o meu sobrenome, não lembro exatamente qual, mas fez um trocadilho tipo de que eu era muito bem-vinda, ‘tratem-a bem’, só que de uma forma pejorativa. Como se ‘nossa, é uma honra ter você aqui’. Eu sou uma jornalista como qualquer outra. Eu sou jornalista como um homem é jornalista e eu não quero ser tratada diferente. Eu quero ser tratada bem como tratam um homem, o respeito que eu quero que tenham comigo é o mesmo respeito que tem um jornalista homem. [...] Também já aconteceu de ter uns ‘ah, linda’, uns elogios descabidos. Eu não tenho a menor intimidade com aquela pessoa, eu não quero que ela me elogie. (BASBAUM, 2017)

A apresentadora Mariana Fontes relata o mesmo problema quanto a esse suposto ‘favorecimento’ pelo fato de ser mulher e como muitas vezes este ‘benefício’ é dado com segundas intenções por parte dos profissionais homens do mundo do futebol, incluindo os próprios atletas.

Quando principalmente a gente trabalha com produção e a gente lida com assessoria – e aí não tem a ver com a profissão de assessor – tem essa questão de você trabalhar o relacionamento. Principalmente quando você precisa de um atleta muito requisitado pra uma pauta, o tratamento como mulher é diferente e isso me incomodava muito. [...] Quando você é beneficiado pela figura, quando você tá sendo

respeitado porque é mulher e não porque é profissional, isso me incomoda um pouco. Você tá pedindo aquele atleta pra uma pauta profissional, você não tem nenhum interesse além disso. [...] E muitas vezes a gente sofre assédio, quando não do assessor, de alguém que tá acompanhando, quando não do próprio entrevistado, entendeu? Você sente que confundem um pouco as coisas. Você naturalmente vai querer conversar um pouco antes, conhecer um pouco da pessoa, qual o temperamento, qual vai ser o clima da entrevista, e às vezes o entrevistado confunde e já deixa ali uma piadinha, por você ser mulher. (FONTES, 2017)

De acordo com a pesquisa do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, 77,9% das mulheres jornalistas entrevistadas já sofreram assédio de chefes ou colegas de trabalho e 47,5% já sofreram violência por ser mulher em uma cobertura jornalística (*Anexo D*). Como já dito anteriormente, este número também tende a ser maior dentro de um ambiente masculinizado como o jornalismo esportivo e, mais especificamente, no futebol, onde ainda há uma resistência ainda maior em relação à presença de mulheres.

Este tipo de comportamento, infelizmente, não é exclusividade da sociedade e do público brasileiros. Uma campanha feita nos Estados Unidos rodou o mundo ao alertar para a gravidade do assédio sofrido por jornalistas, especialmente as esportivas, através das redes sociais. Homens foram convidados a ler, frente a frente, ofensas escritas em uma plataforma de mensagens chamada *Twitter* direcionadas a essas jornalistas¹⁴. O vídeo emocionou e se espalhou pela internet, ajudando a criar um alerta coletivo sobre essas situações que todas as jornalistas entrevistadas aqui descrevem.

Enquanto os assediadores das redes sociais se escondem atrás do anonimato que a internet permite, alguns jogadores de futebol se valem de sua fama e utilizam isso para assediar livremente as profissionais mulheres, como conta novamente Mariana Fontes.

Para Clara Albuquerque, o assédio se deu não com jogadores de futebol, visto que a comentarista não teve tanto contato por conta de seu perfil profissional, mas sim com os próprios colegas de profissão.

Eu já tive colegas de profissão, mais de um, que se sentem no direito de achar que porque você é mulher e você tá no

¹⁴ Encontrado legendado em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBJpg0thP3Y> (Acesso em 21/06/2017)

esporte, que você tá a fim de se envolver com qualquer um, e é difícil aceitar um ‘não’. Já tive colegas que forçaram a barra a ponto de eu ter que ser mais dura, não fisicamente, mas de mensagens insistentes e de não aceitar o ‘não’. É claro que isso acontece em qualquer área, qualquer mulher vai passar por isso em qualquer área, mas como a gente trabalha em uma área de muitos homens, isso acontece não só quando a gente tá fora, no nosso momento de lazer em que o cara puxa você pelo braço e acha que tem o direito de fazer isso numa festa, mas isso acontece também em um ambiente de trabalho porque a maioria das pessoas ali é homem, então isso acontece sem dúvida. (ALBUQUERQUE, 2017)

Diante de todos os dados e depoimentos, podemos perceber a dificuldade e os desafios que as mulheres enfrentam ao escolher o jornalismo esportivo como profissão e forma de vida. São batalhas diárias que nenhum homem jamais vai enfrentar. Não basta provar seu conhecimento, sua habilidade como profissional, sempre há um caminho a mais para percorrer quando se é mulher em um ambiente historicamente dominado pelo sexo masculino. O sonho de cada uma dessas profissionais é muito simples, mas sua simplicidade não traduz a dificuldade para conquistá-lo, e o sentimento pode ser resumido nas palavras da entrevistada Marina Basbaum:

Eu quero igualdade. Eu quero que a gente seja igual, exatamente igual. Que não olhe pra mim e ‘ah, você é mulher, você é bonita, vou te colocar aqui na frente’. Eu não quero isso. Eu quero que olhem pra mim com os mesmos olhos que olham para um profissional do sexo masculino. (...) O meu sonho é que a gente tenha o mesmo espaço, a mesma voz e que a gente seja respeitada da mesma forma que os homens são. (BASBAUM, 2017)

2.5 Estudo de caso: as mulheres jornalistas esportivas do canal Esporte Interativo

Esporte Interativo

O canal Esporte Interativo estreou em 20 de janeiro de 2007 como o primeiro canal de TV aberta exclusivamente dedicado aos esportes. Sua primeira transmissão foi da partida entre Liverpool e Chelsea pelo Campeonato Inglês, narrado por André Henning e comentado por Vitor Sérgio Rodrigues. Em 2013, trouxe de volta a Copa do Nordeste, a maior competição regional do primeiro semestre do calendário do futebol brasileiro e criou o canal Esporte Interativo Nordeste, dedicado somente à

região. Em 2014 foi comprado pelo grupo de mídia multinacional Turner e adquiriu os direitos de transmissão exclusivos para TV paga da maior competição de clubes do mundo, a Liga dos Campeões. Em 2015, lançou seus canais de TV paga, o EI MAXX e o EI MAXX 2 e, em agosto de 2015, deu início à primeira cobertura de todas as partidas da Liga dos Campeões com correspondentes em seis cidades europeias. Quebrou recordes de audiência e se tornou notável por ser a única rede de televisão, na atualidade, a colocar uma mulher para comentar um jogo de futebol: a jornalista Clara Albuquerque.

Clara Albuquerque

Clara nasceu em Salvador, Bahia, em 18 de agosto de 1984. Como a própria gosta de falar¹⁵, “tudo começou no dia 15 de fevereiro de 1989. O Bahia jogava contra o Internacional, no Estádio da Fonte Nova, em Salvador, na primeira partida válida pelo título do Campeonato Brasileiro de 1988, conquistado pelo Bahia. Eu tinha cinco anos. Não estava nas arquibancadas, mas a minha paixão já estava”.

Assim, quando criança, Clara Albuquerque descobriu no futebol sua grande paixão através do Esporte Clube Bahia e de sua mãe, que era a maior apaixonada por este esporte dentro de sua casa. Era sua mãe que deixava os filhos menores em casa para ir ao estádio e, quando o jogo era ‘fora de casa’ (no estádio do adversário), eram seus gritos de gol animavam o ambiente.

Apesar de sua paixão pelo futebol vir desde tão jovem, a escolha pelo Jornalismo Esportivo não foi tão óbvia quanto parecia ser. Clara entrou para o curso de Jornalismo na Universidade Federal da Bahia em 2002 com o sonho de ser apresentadora de TV, mas logo se desencantou com a profissão. Decidiu estudar línguas estrangeiras e pensou em ser diplomata, mas tudo mudou com seu trabalho de conclusão de curso, realizado em 2006, como a própria conta.

Eu não queria mais trabalhar com Jornalismo, só que quando chegou a época de me formar, eu precisava fazer um trabalho de final de curso [...] e podia ser uma monografia ou um produto jornalístico, e como eu nunca fui muito de teoria, eu decidi fazer um produto. A única coisa que eu queria falar era sobre futebol, porque era o que eu mais gostava, então ou eu falava de futebol ou eu falava de futebol. Então eu comecei a fazer uma pesquisa [...] e eu comecei a pegar livro

¹⁵ Texto retirado de seu blog, encontrado em: http://www.claraalbuquerque.com.br/?page_id=2 (Acesso em 20/06/2017)

por livro pra ver se me vinha alguma ideia e veio o estalo: ‘Peraí, eu tô olhando aqui entre 250 livros de futebol e nenhum deles foi escrito por uma mulher’ e aí me veio esse estalo de ‘Ah, eu posso fazer um guia de futebol para mulheres’, brincando justamente com essa história de que mulher não entende de futebol. (ALBUQUERQUE, 2017)¹⁶

Clara então transformou seu trabalho de conclusão de curso, esse guia de futebol escrito por uma mulher e explicado para mulheres interessada no esporte, em seu passaporte para o mundo do jornalismo esportivo. O trabalho virou o livro ‘A Linha da Bola – Tudo o que as mulheres precisam saber sobre futebol e os homens nunca souberam explicar’, lançado em 2007, e rendeu o primeiro convite de trabalho: uma coluna de domingo baseada em seu livro para o jornal *Correio da Bahia*. Seu modo diferenciado e didático de explicar o futebol fez sucesso e rendeu mais um convite, agora para ter um quadro na TV Bahia, afiliada da Rede Globo de Televisão, chamado ‘Tudo às Claras’ e também para ser comentarista no retorno do Campeonato Baiano ao canal.

Em 2013, a jornalista recebeu o convite do Esporte Interativo e se mudou para o Rio de Janeiro, onde entrou para o time de comentaristas da casa e se tornou chefe de pautas especiais. Em janeiro de 2017, Clara Albuquerque decidiu ir para a Turim, na Itália e se transformou em correspondente da Liga dos Campeões para o canal, onde entrevistou os maiores craques do mundo do futebol como Daniel Alves, Gianluigi Buffon e Paulo Dybala, todos do clube da cidade italiana, a Juventus. Mesmo com a escolha atual, Clara deixa claro que sonha em voltar a comentar assim que possível, pois acredita que encontrou sua vocação em ser uma mulher que tem voz no jornalismo esportivo.

Monique Danello

Monique Danello Coreixas, nascida no Rio de Janeiro no dia 16 de julho de 1987, é repórter, escritora e apresentadora dos canais Esporte Interativo. Sua paixão pelo esporte começou ainda na infância, quando a jornalista se encantou com os esportes e praticava todos os possíveis nas aulas de educação física na escola.

Iniciou o curso de Jornalismo nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) em 2009 e logo chegou ao Esporte Interativo como estagiária em 2010, de onde nunca saiu. Se transformou em uma das repórteres mais renomadas da emissora,

¹⁶ Entrevista cedida em vídeo à autora em 09/06/2017.

com duas Olimpíadas, dois Jogos Pan-Americanos e uma Copa do Mundo no currículo. Monique fez história e emocionou o mundo ao acompanhar o inédito título mundial de handebol feminino do Brasil em 2013, quando foi flagrada aos prantos em frente às câmeras comemorando, à época, a classificação para a final que levaria a equipe verde e amarela a levar o Mundial¹⁷.

A jornada com as campeãs mundiais de handebol levou Monique a escrever seu primeiro livro, ‘Raça Brasil’, lançado em 2014, onde contou seu entrosamento com o time, as amizades que fez e inclusive os problemas com a viagem, onde a jornalista passou mal e precisou ser socorrida pela equipe médica da seleção brasileira.

Em 2017, Monique foi um dos principais destaques da cobertura olímpica dos canais Esporte Interativo, apresentando o programa ‘A Caminho do Pódio’, onde entrevistava atletas medalhistas diretamente do estúdio de vidro em frente ao Parque Olímpico da Barra, no Rio de Janeiro, além de cobrir diariamente as competições neste mesmo local.

Mariana Fontes

Mariana Fontes Alves é jornalista e apresentadora do programa ‘Melhor Futebol do Mundo’, especializado em futebol internacional, nos canais Esporte Interativo. Seu amor pelo futebol e pelo Flamengo vem desde a infância, visto que Mariana sempre gostou de esportes.

Sua vida acadêmica não começou no jornalismo e nem por isso ela se distanciou do esporte. Mariana é formada em nutrição pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e seu primeiro emprego como nutricionista foi no Fluminense Football Club. Ela mesma conta que seu amor pelo esporte foi decisiva na escolha de sua segunda graduação: “Eu sempre trabalhei com esporte, eu sempre gostei de praticar esporte, então quando eu optei pela segunda graduação, que foi Jornalismo, eu já sabia que faria Jornalismo Esportivo”.¹⁸

Mariana chegou ao Esporte Interativo em 2011 em uma vaga de produtora para TV. Com o tempo e com o jeito extrovertido, ela conquistou um espaço como repórter e se tornou a cara da TV Fla (programa televisivo do Clube de Regatas do Flamengo), que à época era produzido pela emissora. O bom desempenho levou

¹⁷ Vídeo encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuYRs4TbDHI> (Acesso em 21/06/2017)

¹⁸ Entrevista concedida à autora em vídeo em 29/03/2017.

Mariana a ser convidada para apresentar um dos principais programas da casa, o noticiário ‘Caderno de Esportes’, que passa todas as notícias relevantes do dia e, em 2015, chegou ao programa que hoje apresenta. Também foi apresentadora da primeira edição do *reality show* ‘Fanáticos’ (2016), sucesso de audiência do Esporte Interativo.

Dentro do canal, é reconhecida como a principal apresentadora mulher da casa e também é uma das vozes mais fortes na luta contra o machismo e o preconceito.

Julia Vieira

Julia de Moraes Vieira nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul e é jornalista e diretora de produção executiva nos canais Esporte Interativo. Julia conta que não lembra exatamente como e quando se apaixonou pelo futebol, mas sabe que tanto o futebol quanto a música eram sempre uma presença constante na sua infância e que isso a encantava.

A jornalista lembra que o futebol fez parte das memórias mais felizes de quando era criança: “Meu pai era fanático pelo Botafogo e minha mãe era fanática pelo Fluminense, então o que eu sempre lembro de quando eu era criança era da alegria nos dias de jogos, na quarta e no domingo, eram momentos que eu lembro que sempre aconteciam, porque na minha casa sempre foi assim”¹⁹.

Julia também não sabe explicar sua paixão pelo Flamengo, mas sabe dizer com exatidão quando soube que sempre torceria pelo Rubro-Negro carioca: na final do Campeonato Carioca de 1995, quando Renato Gaúcho deu o título ao rival, Fluminense, com o famoso ‘gol de barriga’. Mesmo muito nova, Julia entendeu que o Flamengo a acompanharia para o resto da vida.

A executiva então escolheu o jornalismo como carreira com o objetivo de trabalhar ou com futebol ou com música. Entrou na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) em 2006 e começou seu caminho profissional na rádio MPB FM. Em 2008, chegou ao Esporte Interativo. Foi produtora de TV, chefe da reportagem, editora-chefe da equipe de Futebol Brasileiro, editora-chefe do portal do Esporte Interativo até chegar ao seu atual cargo.

Taynah Espinoza

¹⁹ Entrevista concedida à autora em vídeo em 22/06/2017.

Taynah Espinoza, natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, nasceu em 17 de julho de 1988 e se formou em Jornalismo pela PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) em 2011. É atualmente apresentadora e repórter dos canais Esporte Interativo. Taynah conta que toda a sua família, desde seu pai e seu tio até seu irmão e seus primos, todos envolvidos com futebol como treinadores ou jogadores, fizeram com que ela se apaixonasse pelo esporte, não só pelo próprio futebol, mas por qualquer tipo de atividade esportiva.

Esta atividade familiar no meio do futebol fez com que Taynah começasse sua vida de paixão futebolística não torcendo por um único time, mas torcendo por todos os times que seu tio, pai ou familiares estivessem treinando na época, de todos os lugares ou de ‘todas as divisões’, como a própria diz²⁰.

A jornalista sempre foi tão apaixonada por futebol e esportes que sua primeira opção de carreira foi na Educação Física, que desistiu logo ao não entrar em nenhuma faculdade pública em sua cidade. Por incentivo do pai, entrou para o Jornalismo e logo se apaixonou, sempre tendo a certeza de que trabalharia com o mundo esportivo em sua profissão.

Passou pelo Grêmio como estagiária de jornalismo, foi apresentadora e repórter da Rede Bandeirantes do Rio Grande do Sul e de São Paulo e chegou ao Esporte Interativo em 2015, onde apresenta o telejornal diário ‘Caderno de Esportes’, o programa ‘Liga Espetacular’ aos domingos, especializado em futebol internacional, e comenta futebol em participações especiais no programa ‘Jogando em Casa’, além de eventuais trabalhos como repórter na emissora.

Marina Basbaum:

Nascida em 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, Marina Basbaum já sabia que trabalharia com esportes desde nova, movida pela sua paixão pelo Botafogo, que vem desde que seu tio a ensinou a cantar o hino do clube e a ver os jogos. Formou-se em Jornalismo na faculdade Estácio de Sá em 2015 e trabalhou na TV Record antes de chegar ao Esporte Interativo, onde coordena os repórteres correspondentes na Europa da emissora.

²⁰ Entrevista concedida à autora em vídeo em 26/06/2017.

3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

O assunto escolhido para este trabalho de conclusão de curso não é estranho para mim, que sou uma mulher que trabalho há quatro anos e meio no Jornalismo Esportivo. Porém, foi novidade para mim pensar em fazer um trabalho prático em que eu pudesse mostrar um pouco de todas as dificuldades que todas as mulheres enfrentam ao entrar em um meio predominantemente masculino como é o esporte.

A princípio, a ideia era retratar o machismo e o assédio no meio do futebol em geral, com foco nas arquibancadas, mas conversando com colegas profissionais no Esporte Interativo, percebi que poderia tratar da própria profissão de jornalista esportiva com foco nas personagens femininas.

Por trabalhar em uma emissora de esportes, tive um pouco mais de facilidade para encontrar material para este projeto e para realizá-lo. Dentro do canal, ouvi algumas das jornalistas que são referência na profissão e as entrevistei com o objetivo de mostrar que todas, sem exceção de idade ou cargo, já haviam sofrido com o preconceito, o machismo e o assédio, o foco do curta-documentário que acompanha este relatório.

Todas as entrevistas foram realizadas dentro do prédio do Esporte Interativo, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro e levaram, em média, 30 minutos para serem gravadas. A entrevista que deu o pontapé inicial foi a da chefe dos correspondentes internacionais do canal, Marina Basbaum, que apenas com um simples convite se disponibilizou a responder todas as perguntas do questionário que gerou o curta-documentário.

3.1 Gravação

O processo de gravação inicial foi um pouco assustador. Com pouca experiência com manejo de câmeras, precisei contar com a ajuda de profissionais mais capacitados, como a coordenadora da equipe de promoções do Esporte Interativo, Aline Galvão, que me ensinou a enquadrar da melhor forma, ajustou o áudio e explicou como a câmera em si funcionava. As gravações dentro do prédio do canal ocorreram bem, contando com a ajuda da equipe do estúdio para colocação de microfones nas entrevistadas e montagem do equipamento no local escolhido para a filmagem.

A ideia do projeto, a princípio, era fazer um curta-documentário focando em mulheres no Jornalismo Esportivo como um todo, inclusive de outros canais. Porém, a

limitação de equipamento me fez remanejar minha ideia e, assim, decidi utilizar o próprio Esporte Interativo como amostra do todo e suas jornalistas mulheres como meu objeto de estudo.

Minha equipe foi formada por funcionários do Esporte Interativo que se dispuseram a colaborar com o meu projeto, já que eu não possuía equipamentos e nem podia pagar caro para alugá-los, como também não poderia remunerar uma possível equipe própria. A já citada Aline Galvão, formada em Jornalismo pela PUC, foi uma das peças fundamentais ao curta-documentário por sua experiência em televisão e por sua vontade de retribuir a ajuda recebida em seu próprio documentário. O coordenador da equipe de estúdio, Leonardo Valdanini, também foi uma peça extremamente importante para a realização do projeto. Além da disponibilidade em ajudar, foi o responsável pelo ajuste de lapelas (microfones) nas entrevistadas, pela captação de imagem e áudio e por ceder o espaço para que boa parte das entrevistas ocorresse dentro do estúdio secundário da emissora, onde os ajustes de luz já seriam os ideais para as filmagens. Para a edição, convidei o designer gráfico Rennan Rodrigues que, além de editar, com sua experiência em videografia ajudou a fazer a identidade visual do curta-documentário.

Uma das principais dificuldades do projeto foi conciliar os horários com as entrevistadas e com os horários disponíveis do estúdio ou da sala Liga dos Campeões, ambas feitas de locação durante as filmagens. Outro empecilho durante as gravações foi minha própria função de produtora de futebol internacional, que nesta reta final me impossibilitou de gravar os depoimentos necessários por conta das últimas rodadas da Liga dos Campeões, principal produto da emissora e da equipe em que trabalho. Assim, algumas gravações tiveram um ou dois meses de diferença uma da outra.

Finalizando o projeto, foram realizadas seis gravações com seis profissionais do Esporte Interativo: a primeira com Marina Basbaum, no dia 28 de março de 2017; a segunda com Mariana Fontes, no dia 29 de março de 2017; a terceira com Monique Danello, no dia 31 de março de 2017; a quarta com Julia Vieira em 22 de junho de 2017; a quinta com Aline Nastari, em 22 de junho de 2017 e a sexta com Taynah Espinoza, também em 22 de junho de 2017. Apenas a primeira entrevista foi realizada com uma câmera diferente: uma Sony Z7 digital, com tripé e lapela. Todas as cinco entrevistas restantes foram gravadas com uma câmera-robô Panasonic High Definition e lapela.

3.2 Entrevistas

As entrevistas em si foram a parte mais simples de todo o processo. Por já conhecer todas as entrevistadas, mesmo com níveis diferentes de intimidade, a conversa fluiu com facilidade. Acredito que, para se realizar uma boa entrevista, além da entrevistada se sentir confortável, um certo nível de identificação com o entrevistador pode ajudar a extrair mais de uma entrevista.

Acredito que pelo fato de eu ser mulher, jornalista e companheira de trabalho e empresas de todas elas, a facilidade com que elas contaram suas histórias e alguns momentos de dificuldade foi muito maior, visto que estamos lidando com casos de preconceito, machismo e assédio. Porém, tomei algumas precauções para que as jornalistas se sentissem ainda mais à vontade em falar comigo.

Como as gravações foram feitas dentro de um estúdio do Esporte Interativo, fiz questão de que somente a entrevistada e eu estivéssemos dentro do ambiente de entrevista. Também reforcei com o coordenador Leonardo Valdanini para que o áudio não estivesse audível para qualquer pessoa fora do estúdio. Somente as primeiras palavras eram escutadas para teste de som e, a partir do momento da minha permissão, somente minha entrevistada e eu sabíamos do que estávamos falando. Essa descrição foi essencial para que o processo ocorresse da forma mais tranquila e natural possível para as jornalistas, além de deixá-las seguras de que todas as gravações teriam como único destino o projeto de conclusão de curso.

Antes da primeira entrevista, preparei uma lista de perguntas que serviram de guia para que todas as gravações seguissem uma linha clara de pensamento (*Anexo II*), porém eu acrescentava algumas perguntas personalizadas de acordo com a personagem com quem eu estava conversando. Para Mariana Fontes, por exemplo, pude adicionar questões sobre o preconceito com a gravidez e a maternidade. Para Clara Albuquerque, relembrei um episódio de machismo sofrido pela própria e a encaixei em uma pergunta. Essa personalização e demonstração de conhecimento da entrevistada também ajudou para que suas respostas fossem mais completas, confiantes e com bastante conhecimento de causa.

3.3 Edição

Em um total, foram duas horas e quarenta e cinco minutos de gravação, somando 60 gigabytes de filmagens. Fui a única responsável pela decupagem do

<p>Taynah sentada</p> <p>FADE IN</p> <p>O AMOR PELO FUTEBOL</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Taynah (se apresenta, nome, idade e cargo na empresa)</p>
<p>Clara sentada</p> <p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Clara Albuquerque – Correspondente na Itália dos canais Esporte Interativo</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Clara (sobre de onde veio a paixão pelo futebol)</p>
<p>FADE IN</p> <p>Fotos Julia infância (planos de 3' por foto)</p> <p>FADE OUT</p>	<p>OFF Julia (sobre ser gaúcha)</p>
<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Julia Vieira – gerente de produção executiva do Esporte Interativo</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Julia (sobre ter futebol em casa sempre)</p>
<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Marina Basbaum – chefe dos correspondentes do Esporte Interativo</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Marina (sobre Botafogo)</p>
<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Monique Danello – repórter do Esporte Interativo</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Monique (sobre sempre gostar de esporte)</p>

<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Mariana Fontes – apresentadora dos canais Esporte Interativo</p> <p>FADE OUT</p>	<p>SONORA Mariana (sempre gostar de esportes)</p>
<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Taynah Espinoza – apresentadora dos canais Esporte Interativo</p>	<p>SONORA Taynah (sobre sempre amar esporte)</p>
<p>Julia sentada</p>	<p>SONORA Julia (sobre ter certeza de ser Flamengo)</p>
<p>Cobre com imagem gol de barriga Renato Gaúcho</p>	<p>OFF Julia (sobre ter certeza de ser Flamengo)</p>
<p>FADE IN</p> <p>CRÉDITO: Imagens: TV Globo</p> <p>FADE OUT</p>	
<p>FADE IN</p> <p>POR QUE O JORNALISMO ESPORTIVO?</p> <p>FADE OUT</p>	
<p>Mariana sentada</p> <p>Cobre com imagem apresentando o Melhor Futebol do Mundo</p>	<p>SONORA Mariana (sobre sempre ser esporte e futebol)</p>
<p>Clara sentada</p>	<p>SONORA Clara (sobre desilusão com jornalismo e monografia – livro)</p>

<p>Cobre com imagens livro Clara</p>	<p>OFF Clara (sobre a monografia virar livro)</p>
<p>Julia sentada</p>	<p>SONORA Julia (sobre ser futebol ou música)</p>
<p>Taynah sentada Cobre com imagem Taynah em ação Champions League</p>	<p>SONORA Taynah (sobre escolher o jornalismo esportivo)</p>
<p>Marina sentada</p>	<p>SONORA Marina (sobre o foco de trabalhar com esporte)</p>
<p>Monique sentada Cobre com imagem Monique chorando (handebol) e Monique apresentando nas Olimpíadas</p>	<p>SONORA Monique (sobre ser jornalista esportiva)</p>
<p>Clara sentada Cobre com imagem Clara comentarista no Esporte Interativo</p>	<p>SONORA Clara (sobre virar colunista e comentarista)</p>
<p>FADE IN O MACHISMO E O PRECONCEITO FADE OUT</p>	<p>SONORA Mariana (sobre preconceito)</p> <p>OFF Marina (sobre machismo velado)</p>

Marina sentada	SONORA Marina (sobre vergonha de ser machista)
Monique sentada	SONORA Monique (comentário rede social)
Julia sentada	SONORA Julia (sobre não deixar fazerem piada com ela)
Clara sentada	SONORA Clara (sobre dois tipos de preconceito nas redes sociais)
FADE IN O ASSÉDIO FADE OUT	
Marina sentada	SONORA Marina (sobre elogios desnecessários)
Mariana sentada	SONORA Mariana (sobre jogadores e assessores entenderem errado)
Julia sentada	SONORA Julia (sobre mão na bunda – sem reação)
Taynah sentada	SONORA Taynah (sobre ofensas nas redes sociais)
Clara sentada	SONORA Clara (sobre assédio dos companheiros de profissão)
Taynah sentada	SONORA Taynah (sobre assédio nos estádios)

<p>FADE IN</p> <p>O SONHO DE TODAS NÓS</p> <p>FADE OUT</p>	
<p>Marina sentada</p> <p>Cobre com imagem Marina na redação trabalhando</p>	<p>SONORA Marina (sobre igualdade)</p>
<p>Mariana sentada</p> <p>Cobrir com imagens Mariana no estúdio</p>	<p>SONORA Mariana (sobre prazo de validade da mulher)</p>
<p>Julia sentada</p> <p>Cobrir com imagens Julia trabalhando na redação</p>	<p>SONORA Julia (sobre igualdade)</p>
<p>Cobrir com imagens Monique em treino</p> <p>Monique sentada</p>	<p>SONORA Monique (sobre igualdade)</p>
<p>Taynah sentada</p> <p>Cobrir com imagens Taynah Caderno de Esportes</p>	<p>SONORA Taynah (sobre igualdade)</p>
<p>Clara sentada</p>	<p>SONORA Clara (sobre igualdade)</p>
<p>CARTELA/ARTE: SONHO QUE SE SONHA JUNTO É REALIDADE (Raul Seixas)</p>	<p>SOBE SOM Trilha sonora</p>
<p>Créditos</p>	

4 CONCLUSÃO

Ser jornalista esportiva é o que move a minha vida. Se quando entrei na faculdade de Jornalismo nem cogitava trabalhar com esporte, hoje já não me imagino fazendo outra coisa, mesmo com todos os problemas e dificuldades citados neste projeto. Mas isso não me faz ficar parada quando vejo preconceito e assédio neste meio, e foi isso que me fez dar voz às minhas companheiras e deixar claro que não importa sua idade, sua função ou seu tipo físico: o preconceito e o assédio acontece com todas nós.

Os dados me assustam toda vez que penso neles porque sempre penso na enormidade do que quero ajudar a mudar. Como dito no começo deste projeto, de acordo com Coelho (2003), apenas 10% das redações esportivas são compostas por mulheres. Eu sou a única mulher que produz conteúdo na minha equipe, que é de futebol internacional. Por mais que meus companheiros de trabalho sejam homens esclarecidos, estudados, nada disso impede que brincadeiras machistas façam parte constante do meu dia a dia. Sou minoria e não me sinto representada, mas não deixo de ter voz.

O embrião deste documentário aconteceu em março de 2016, quando chefieei a campanha para o Dia Internacional da Mulher no Esporte Interativo. Algumas das entrevistadas de então para uma matéria especial que apresentava as jornalistas do canal se transformaram nas minhas entrevistadas. Ali eu já vi histórias que impressionavam e vi mulheres com muita força de vencer e não se deixar abater por todas as barreiras que nos impõem simplesmente por sermos mulheres. Também vi que, diferente de mim, que me encantei com o futebol tardiamente na vida, todas essas mulheres cresceram e respiravam futebol desde a infância, assim como qualquer menino ou homem que se conheça. Então sempre me pergunto e me perguntarei: por que essas mulheres que foram educadas da mesma maneira que muitos homens precisam aguentar tanto preconceito? Por que precisam se provar? Por que precisam ouvir um ‘explica aí o que é impedimento’?

O fenômeno é cultural. Em uma pesquisa já citada neste projeto, do Sindicato de Jornalistas do Distrito Federal, 78,5% das mulheres jornalistas já enfrentaram atitudes machistas durante uma entrevista. 70,7% já deixou de fazer uma pauta

simplesmente por ser mulher²¹. Em um aspecto geral, sem especificação de profissão, 86% das mulheres já sofreu assédio em público, sendo que 8% resultou em estupro²². A violência contra a mulher é constante dentro da sociedade – e aqui lê-se como violência qualquer coisa que atente contra a integridade da mulher, não só física como moralmente.

A produção de *Mulheres no Jornalismo Esportivo – Os desafios e dificuldades* me fez acreditar, nem que seja apenas um pouco, que estou tentando fazer a diferença. Para mim, este projeto é apenas o início do que pretendo fazer com este curta. Quero mostrar que um órgão genital não define entendimento de esportes, nem competência, nem capacidade. Quero ajudar a criar a consciência de que o machismo fere, que cada mensagem de desmerecimento baseado no simples fato de ser mulher machuca e nos afeta, e que é uma luta diária não desistir e não deixar que isso interfira na qualidade do nosso trabalho.

E o sonho? O sonho de todas nós, mulheres jornalistas esportivas, é o mesmo: igualdade. Não queremos ser exaltadas ou sermos melhores. Nós só não queremos ser piores, destrasadas ou desmerecidas pelo nosso gênero. Queremos apenas que nos tratem com o mesmo respeito que tratam um profissional homem. Que tenhamos as mesmas oportunidades na área que jornalistas homens. Que tenhamos a mesma voz que jornalistas homens. As mulheres que se aventuram no Jornalismo Esportivo só querem ser iguais.

²¹ Pesquisa encontrada em:

http://www.sjpdf.org.br/images/Pesquisa_Desigualdade_de_Gênero_no_Jornalismo_-_Resultados.pdf
(Acesso em 21/06/2017)

²² Pesquisa encontrada em matéria da Agência Brasil, presente em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-das-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em> (Acessado em 20/06/2017)

5 BIBLIOGRAFIA

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003

DANTAS, M.A. *Mulheres no Jornalismo Esportivo*. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

STYCER, Maurício José. *Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão*. Artigo acadêmico. apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>

SANTOS, V.A. *As bolas da vez: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro*. Trabalho de conclusão de curso. Brasília: UniCEUB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf>

ROZEMBERG, Marcelo. *Blog Terceiro Tempo*. Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>. Acesso em 16 de maio de 2017.

JORNAL DA GAZETA. *Entrevista com Regiani Ritter*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u2kqbFz_qNw. Acesso em 16 de maio de 2017.

FUNDAÇÃO CÁSPER LÍBERO. *Entrevista com Regiani Ritter*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eCCF--kgA34>. Acesso em 16 de maio de 2017.

WIKIPÉDIA. *Regiani Ritter*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regiani_Ritter. Acesso em 16 de maio de 2017.

RUBBO, Daniella; VASCONCELOS, Nayara Maria. *A mulher jornalista na editoria de esportes*. Artigo acadêmico. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinaridades da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009. Acesso em 19 de junho de 2017.

EBC AGÊNCIA BRASIL. *Pesquisa mostra que 86% das mulheres sofreram assédio em público*. Site oficial. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-das-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em>. Acesso em 20 de junho de 2017.

SINDICATO DOS JORNALISTAS DO DISTRITO FEDERAL. *Pesquisa 'Desigualdade de Gênero no Jornalismo'*. Site oficial. Disponível em: http://www.sjpdf.org.br/images/Pesquisa_Desigualdade_de_Gênero_no_Jornalismo_-_Resultados.pdf. Acesso em 20 de junho de 2017.

ESTADO DE MINAS. *Crise acentua preconceito contra mulheres no trabalho*. Site oficial. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2017/05/29/internas_economia,872457/crise-acentua-preconceito-contra-mulheres-no-trabalho.shtml. Acesso em 20 de junho de 2017.

ESPORTE INTERATIVO. *Monique Danello vai às lágrimas com feito histórico do handebol brasileiro*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuYRs4TbDHI>. Acesso em 21 de junho de 2017.

TV ARATU. *Homens leem comentários machistas direcionados às jornalistas esportivas norte-americanas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBJpg0thP3Y>. Acesso em 21 de junho de 2017.

Entrevistas:

Marina Basbaum – entrevista concedida em 29 de março de 2017.

Mariana Fontes – entrevista concedida em 30 de março de 2017.

Monique Danello – entrevista concedida em 31 de março de 2017.

Clara Albuquerque – entrevista concedida em 09 de junho de 2017.

Julia Vieira – entrevista concedida em 23 de junho de 2017.

Taynah Espinoza – entrevista concedida em 26 de junho de 2017.

Anexo I:

PESQUISA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO



535

Mulheres entrevistadas



Lançada no dia 8/3, essa pesquisa avaliou a quantas andam o cumprimento dos direitos das mulheres dentro das redações e assessorias de imprensa/comunicação, além da incidência de assédios moral e sexual, machismo, racismo e preconceito com mulheres gestantes.

Essa é a primeira atividade do SJPDF do Coletivo de Mulheres Jornalistas do Sindicato dos Jornalistas do DF.

Os dados foram recolhidos de março a maio deste ano por meio de um questionário disponibilizado na internet.

Estados participantes:

Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.

1) Você já esteve em alguma situação que seu colega recebia um salário maior que o seu, mesmo desempenhando igual função?



2) Você acredita que já deixou de ser contratada em algum veículo/empresa por ser mulher?



3) Você já sofreu assédio moral pela sua chefia ou colega de trabalho?



4) Em coberturas jornalísticas, você já sofreu algum tipo de violência pelo fato de ser mulher?



5) Alguém já deixou de te dar entrevista por você ser mulher?



6) Algum entrevistado teve alguma atitude machista durante a entrevista?



7) Você acredita que as mulheres negras têm menos oportunidade no jornalismo?



8) Tem conhecimento de alguma jornalista gestante que tenha sofrido discriminação no local de trabalho?



9) Você acredita que já deixou de ser designada para uma pauta pelo fato de ser mulher?



Anexo II:

Perguntas feitas para as jornalistas esportivas mulheres durante as entrevistas:

- 1 – Qual é o seu nome, sua idade e sua função dentro do Esporte Interativo?
- 2 – Como começou sua paixão pelo futebol/esporte?
- 3 – Quando você escolheu o Jornalismo, você já pensava em fazer Jornalismo Esportivo?
- 4 – Você passou alguma dificuldade para conseguir algum estágio/emprego na área de Jornalismo Esportivo por ser mulher?
- 5 – Você já sofreu algum machismo dentro da redação ou no exercício da profissão?
- 6 – Você já sofreu algum episódio de assédio enquanto trabalhava?
- 7 – Você sentiu alguma mudança em relação a machismo desde que você começou a trabalhar até hoje?
- 8 – Qual é o seu maior sonho como profissional?
- 9 – Qual é o seu maior sonho para o futuro das mulheres no Jornalismo Esportivo?